

Apesar de estarmos ainda na metade do ano de 86, um dado na vida artística e cultural da cidade é absolutamente incontestável: nunca a categoria ouviu falar tanto no Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Distrito Federal (Sated/DF). Considerada por alguns artistas como ineficiente, a atual diretoria da entidade conseguiu provocar um verdadeiro rebuliço ao tentar proibir as apresentações do Ballet Bolshoi e da Comédie Française nos domínios candangos, porque os respectivos produtores não haviam depositado a quantia de 10% sobre o contrato dos espetáculos no Brasil que a nossa legislação exige. Apesar dessa façanha, que envolveu inclusive setores políticos e diplomáticos, os artistas de Brasília condenam a diretoria por estar distante dos interesses e das necessidades da classe.

"Eu acho bastante duvidosa a atuação do sindicato, que não tem atuado a favor da classe", diz o ator Marcos Bagno. Para ele, um dos maiores defeitos dessa diretoria é manter-se distante da classe artística, já que ela não se faz conhecer e também não procura os artistas sempre que decide alguma coisa. "Eles sempre tomam decisões autônomas e nós sequer tomamos conhecimento dos fatos", afirma. Perguntado pela reportagem do *Jornal de Brasília* se ele não achava importante o papel de defensor do mercado de trabalho nacional que o Sated tem cumprido ao exigir que se respeite a Lei, Marcos Bagno disse que "sem dúvida, esse é um dado positivo. Mas como normalmente isso tem a ver com dinheiro, não sabemos se lutam pelos interesses da classe ou como forma de ganhar um dinheirinho a mais". Marcos lembra ainda que os artistas não são notificados do rumo que toma todo o dinheiro arrecadado pela entidade.

Sindicato peculiar

Para o produtor e jornalista Romário Schettino, o problema é que Brasília conquistou seu sindicato numa circunstância peculiar. "O sindicato em Brasília existe de uma maneira especial, já que aqui não existe empregador". O fato de a maior parte dos artistas e grupos locais se autoproduzirem, na opinião de Romário, faz com que o Sindicato tenha uma participação quase nula junto à categoria. "O ator em Brasília também é seu próprio patrão", diz. Romário acredita que a atuação do Sated poderia ser bastante mais significativa se eles desenvolvessem um trabalho junto à Fundação Cultural, na distribuição de pautas e de verbas para os grupos. "O trabalho com a Fundação cabe ao sindicato", afirma Romário, completando que "se os artistas estão representados na FCDF a possibilidade de injustiça é menor".

Mas na opinião de Johanne Madsen, que além de ser atriz trabalha também na assessoria de teatro da Fundação Cultural, a atuação da diretoria do sindicato torna-se difícil a partir de um dado: a maior parte da classe artística da cidade é formada de amadores. Com isso estabelece-se uma contradição, já que o sindicato tem que defender uma legislação que não tem sido suficiente para resolver todas as nuances da vida cultural brasileira. "Há um ano nós fizemos uma série de reuniões para discutir essa portaria, propondo alterações", lembra Johanne. Na época, participaram das reuniões, além da própria Fundação, o Sindicato dos Artistas e Coriolano Fagundes, do Departamento de Censura Federal. Mas todas as conversas resultaram infrutíferas, e por isso Johanne acredita que já está mais do que na hora desse assunto voltar à pauta de discussões.

Mesmo com todas essas posições, em um ponto todos eles parecem estar de acordo: a atual e primeira diretoria do Sated tem

DF - Cultura
sido absolutamente eficiente no que diz respeito a exigir dos grupos e artistas de outros estados e principalmente de outros países que eles cumpram com os seus deveres. Essas exigências, no entanto, têm criado situações pitorescas, como da vez que a IR Produções, empresa da atriz Irene Ravache, teve que apresentar um documento de contratação da própria atriz. Em outras palavras, Irene Ravache tinha que contratar-se para apresentar seu trabalho em Brasília. Com o bailarino, ator, diretor e coreógrafo uruguaio Hugo Rodas, outra confusão: o Sated não queria que ele se apresentasse enquanto não tivesse o visto permanente no Brasil. Mas a ilegalidade, defendida pelo sindicato, foi negado pelo Ministério da Justiça, que além de se basear na validade do visto provisório, alegou que o trabalho de artista de Hugo Rodas era o evidente meio de sobrevivência dele no Brasil.

"Isto é democracia"

"O direito de criticar é normal", responde de maneira óbvia Walmir Pereira, presidente da entidade, para quem democracia é isso, e nós vivemos num país democrático". Apesar disso, Walmir diz que as críticas que recaem sobre ele e seus companheiros de diretoria vêm de pessoas que estão fora do sindicato. "Nós temos plena consciência de tudo que fazemos, só que as coisas não dependem só de nós", afirma Walmir, completando que "não é na primeira gestão de um sindicato que tudo vai se resolver". Além disso, ele garante que não é por falta de contato com os órgãos da área que os problemas não se resolvem, exemplificando que vão tentar agora colocar duas pessoas de Brasília no Conselho Deliberativo do INACEN, que está com duas vagas, uma de circo e outra de teatro. Walmir disse ainda que gostaria que as pessoas que o criticam fossem ao sindicato colocar suas críticas, pois "ficar jogando pedra de fora é covardia".

Todavia, os artistas não concordam com isso, pelo contrário. Para Romário Schettino, a diretoria não está interessada em abrir um processo de discussão, já que se coloca sempre de maneira muito isolada. "Ninguém nunca ouviu falar em assembléias ou reuniões", garante. Também Marcos Bagno concorda com esse ponto de vista, dizendo que "a gente não sabe com que exatamente eles estão envolvidos". Mas o ponto primordial para os artistas é a participação mais do que a simples notificação. Johanne Madsen, por exemplo, acha insuficiente saber que o Sated quer constituir uma banca para julgar os bailarinos da cidade com profissionais que viriam de outros estados. Para ela o fundamental é saber que critérios serão utilizados e também quem são essas pessoas. Além disso, Johanne lembra que existem pessoas bastante competentes em Brasília que poderiam fazer parte dessa banca examinadora, independente daqueles que, eventualmente, venham de outros centros. Falta de crítica

De toda essa polêmica, pesados os prós e contras, só um elemento pode ser considerado absolutamente inegável: desde que foi criado, em abril de 1984, o sindicato não conseguiu criar um canal de comunicação eficiente com a categoria, já que esta não critica o que a diretoria faz, mas sim o que ela não permite saber que faz. Mesmo defendendo a profissionalização em massa, o desatrelamento sindical do Governo, e também a legislação do mercado local e nacional, a atual diretoria não conseguiu dar respostas aos maiores problemas e às maiores contradições nos quais está mergulhada a classe artística candanga, dos amadores aos profissionais. Mas levando-se em consideração o que disse o próprio Walmir com respeito a não poderem resolver tudo nessa gestão, a alternativa talvez seja contar com a próxima, que deverá ser eleita, segundo o estatuto, em abril do próximo ano. Até lá... bem, só mesmo esperando. Ou então, agindo. É só escolher!



O Ballet Bolshoi, em Brasília, correu o risco de não se apresentar...



... o que também aconteceu com a Comédie Française. Responsável: o nosso Sated